

# CUJO

STEPHEN KING

TRADUÇÃO  
Michel Teixeira



Copyright © 1981 by Stephen King  
Publicado mediante acordo com o autor através da The Lotts Agency.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Cujo

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Projeto gráfico*

Bruno Romão

*Preparação*

Gustavo de Azambuja Feix

*Revisão*

Valquíria Della Pozza

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

King, Stephen

Cujo / Stephen King ; tradução Michel Teixeira. –  
1ª ed. – Rio de Janeiro : Suma de Letras, 2016.

Título original: Cujo

ISBN 978-85-5651-025-9

1. Ficção de suspense 2. Ficção norte-americana  
I. Título.

16-07103

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura  
norte-americana 813

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.objetiva.com.br

*Este livro é para meu irmão, David,  
que segurou minha mão ao cruzar  
a West Broad Street e me ensinou  
como fazer ganchos com cabides  
velhos. O truque é tão incrível que  
não me canso de repetir.  
Amo você, David.*

*About suffering they were never wrong,  
The Old Masters: how well they understood  
Its human position: how it takes place  
While someone else is eating or opening a window or just  
walking dully along...*

— W. H. AUDEN, "MUSEÉ DES BEAUX ARTS"

*Old Blue died and he died so hard  
He shook the ground in my back yard.  
I dug his grave with a silver spade  
And I lowered him down with a golden chain.  
Every link you know I did call his name,  
I called, "Here, Blue, you good dog, you."*

— MÚSICA FOLK

*"Não, nada de errado aqui."*

— PROFESSOR CEREAL SHARP

**ERA UMA VEZ,**

há nem tanto tempo assim, um monstro apareceu na cidadezinha de Castle Rock, estado do Maine. Ele matou uma garçonete chamada Alma Frechette em 1970, uma mulher chamada Pauline Toothaker e uma pré-adolescente chamada Cheryl Moody em 1971, uma linda moça chamada Carol Dunbarger em 1974, uma professora chamada Etta Ringgold no outono de 1975 e, por fim, uma menininha chamada Mary Kate Hendrasen no início do inverno daquele mesmo ano.

Não era lobisomem, vampiro ou carníçal, nem tampouco uma criatura sem nome de uma floresta encantada ou de uma região glacial. Era só um policial chamado Frank Dodd, que tinha distúrbios mentais e sexuais. Um homem bondoso, chamado John Smith, descobriu o nome do agente usando certa magia, mas antes que fosse capturado — talvez tenha sido melhor assim — Frank Dodd se matou.

Claro que foi um choque, mas, acima de tudo, um alívio para a cidadezinha. Um alívio porque o monstro que assombrou tantos sonhos estava morto. Morto e enterrado. Os pesadelos da cidade foram sepultados na cova de Frank Dodd.

Ainda assim, mesmo em tempos tão evoluídos, com tantos pais cientes dos traumas psicológicos que podiam causar aos filhos, com certeza houve em algum lugar de Castle Rock um pai — ou quem sabe uma avó — que arrancou silêncio das crianças advertindo que Frank Dodd viria pegar se não tivessem cuidado, se não se comportassem. E com certeza houve silêncio quando as crianças olharam para as janelas escuras e pensaram em Frank Dodd, com sua brilhante capa de chuva preta em vinil, o mesmo Frank Dodd que sufocou... e sufocou... e sufocou.

“Ele está lá fora”, consigo ouvir a avó sussurrando, enquanto o vento

assovia chaminé abaixo e fareja em volta da velha tampa de panela enfiada no tubo de exaustão da lareira. “Ele está lá fora e, se você não se comportar, pode acabar vendo o rosto dele na janela do quarto, depois que todos na casa já estiverem dormindo, menos você. Pode ser o sorriso dele espiando você do closet na calada da noite, com o sinal de PARE que ele levantava para que as criancinhas atravessassem a rua em uma das mãos e a lâmina que usou para tirar a própria vida na outra... por isso, shhh, criança... shhh... shhh.”

Porém, para a maioria da população, o fim foi o fim. Não faltaram pesadelos, claro, nem crianças que não conseguiram dormir, claro, e rapidamente a casa vazia de Dodd (porque a mãe teve um derrame logo em seguida e morreu) ganhou fama de mal-assombrada, sendo evitada por todo mundo. Mas tudo isso não passou de uma série de fenômenos passageiros — quem sabe os inevitáveis efeitos colaterais de uma sequência de assassinatos sem sentido.

Só que o tempo passou. Cinco anos no total.

O monstro se foi, o monstro estava morto. Frank Dodd apodreceu no caixão.

No entanto, monstro que é monstro nunca morre. Lobisomem, vampiro, carniçal, criatura sem nome de terras arrasadas. Monstro que é monstro nunca morre.

Ele voltou a Castle Rock no verão de 1980.

Em certo dia de maio daquele ano, Tad Trenton, quatro anos de idade, acordou pouco depois da meia-noite com vontade de ir ao banheiro. Levantou da cama e caminhou, meio sonolento, em direção à luz branca que vazava pela fresta da porta entreaberta, já abaixando as calças do pijama. Urinou uma eternidade, deu descarga e voltou para a cama. Puxou as cobertas, e foi então que viu a criatura no closet.

Estava ali, agachado, com ombros largos que se erguiam sobre a cabeça caída para um dos lados e dois olhos que pareciam poços de brilho âmbar — uma coisa que parecia meio homem, meio lobo. Os olhos acompanharam o menino quando ele se sentou, coçando o saco, com o cabelo arrepiado e a respiração entrecortada, como um silvo agudo e invernal

na garganta. Aqueles olhos da coisa no closet eram olhos insanos, gargalhavam e prometiam uma morte horrível e uma sinfonia de gritos ainda não executada.

O menino ouviu o grunhido gutural, sentiu o hálito doce de carniça.

Tad Trenton cobriu os olhos com as mãos, tomou fôlego e gritou.

Uma exclamação abafada veio de outro quarto — o pai.

Um grito assustado, “o que foi isso?”, veio do mesmo lugar — a mãe.

Passos pesados, correndo. Quando os pais entraram, Tad olhou pelas frestas dos dedos e viu a coisa rosnando ali dentro, no closet, prometendo que, assim que os dois fossem embora, então...

A luz se acendeu. Vic e Donna Trenton foram até a cama de Tad, trocando um olhar preocupado ao ver o rosto pálido e os olhos vidrados do filho. A mãe disse, ou melhor, fuzilou:

— Eu falei que três cachorros-quentes era coisa demais, Vic!

E então papai estava na cama com o menino, e passou os braços pelas costas dele, perguntando qual era o problema.

Tad se atreveu a lançar um olhar para a porta do closet outra vez.

O monstro tinha ido embora. Em vez da besta faminta que avistara antes, só havia ali duas pilhas desiguais de cobertores — roupas de cama de inverno que Donna ainda não tivera tempo de levar para o sótão de pé-direito baixo. Estavam sobre a cadeira em que Tad costumava subir quando precisava de alguma coisa na prateleira mais alta do closet. Em vez da cabeça triangular e peluda, caída para o lado em um gesto interrogativo e predatório, ele viu o ursinho de pelúcia em cima da pilha mais alta de cobertores. Em vez dos cavos e ameaçadores olhos cor de âmbar, estavam ali as amistosas contas marrons de vidro utilizadas pelo ursinho para olhar o mundo.

— O que houve, Tadder? — perguntou de novo o pai.

— Tinha um monstro no meu closet! — gritou ele, explodindo em lágrimas.

A mãe se sentou ao lado do menino. Ela e o marido envolveram o filho e fizeram de tudo para acalmá-lo. Depois ocorreu o ritual dos pais, e eles explicaram que não havia monstro algum, que era só um pesadelo. Mamãe explicou que as sombras às vezes se assemelham às coisas ruins que aparecem na TV ou nas histórias em quadrinhos, e papai disse que



estava tudo bem, em seu devido lugar, e que nada naquela casa legal poderia machucá-lo. Tad balançou a cabeça, concordando, mas sabia que não era verdade.

O pai explicou que, no escuro, as duas pilhas desiguais de cobertores ficaram parecendo ombros curvados, que o ursinho parecia uma cabeça caída para o lado e que o reflexo da luz do banheiro fez com que os olhos de vidro lembrassem os de um animal de verdade.

— Agora, preste atenção — continuou. — Preste bastante atenção, Tadder.

Tad prestou atenção.

O pai pegou e colocou as duas pilhas de cobertores no fundo do closet de Tad. O menino ouviu os cabides tilintando de leve, falando sobre o papai em cabidês. Era engraçado, e ele deu uma risadinha. Mamãe viu e sorriu de volta, aliviada.

O pai saiu do closet, pegou o ursinho e colocou nos braços de Tad.

— E o mais importante de tudo — continuou papai, com um floreio e uma mesura que arrancaram risos de Tad e da mamãe —, a cadeira.

Depois fechou a porta do closet com firmeza e apoiou a cadeira na porta. Quando voltou para a cama de Tad, continuava sorrindo, mas os olhos estavam sérios.

— Certo, Tad?

— Certo — respondeu o menino, antes de reunir coragem para dizer: — Mas ele estava lá, papai. Eu vi. De verdade.

— Você *acha* que viu, Tad — explicou o pai, afagando os cabelos do filho com aquela mão grande e carinhosa. — Só que não tem monstro no closet, não um monstro de verdade. Monstros não existem, Tad. Só nas histórias, só na imaginação.

Tad olhou outra vez para o pai e para a mãe — para aqueles rostos grandes e amorosos.

— Vocês juram?

— Juramos — respondeu a mãe. — Agora eu quero que você se levante e vá fazer xixi, rapazinho.

— Eu já fiz. Foi por isso que acordei.

— Sei — disse ela, porque os pais nunca acreditam nos filhos. — Faz isso por mim, pode ser?

Então Tad foi e ela ficou olhando enquanto ele fazia quatro gotas de xixi. Ela sorriu e respondeu:

— Viu? Eu sabia que você precisava fazer.

Resignado, Tad fez que sim, voltou para a cama, foi coberto e aceitou os beijos.

Quando a mãe e o pai se aproximaram da porta, ele foi invadido pelo medo como um casaco coberto de neve. Como uma mortalha recendendo a desespero diante da morte. “Por favor”, pensou ele, e mais nada, só: “Por favor, por favor, por favor”.

O pai pareceu ter lido seu pensamento, porque se virou, com a mão no interruptor, e repetiu:

— Não tem monstro algum, Tad.

— Não tem, não, papai — respondeu Tad, porque naquele instante os olhos do pai pareciam distantes e sombrios, como se ele precisasse ser convencido. — Nenhum monstro.

“Só o que está no meu closet.”

A luz se apagou.

— Boa noite, Tad. — A voz da mãe chegou leve e suave, e em pensamento ele gritou: “Tome cuidado, mamãe, eles devoram as mulheres! Em todos os filmes eles pegam e levam as mulheres embora e depois devoram elas. Por favor, por favor, por favor...”.

Eles, porém, já tinham ido.

E então Tad Trenton, quatro anos de idade, ficou deitado na cama, suando frio e tremendo feito vara verde. Ficou deitado com as cobertas até o queixo e o ursinho apertado contra o peito. Luke Skywalker estava em uma parede, na outra havia um liquidificador com um sorridente esquilo dentro (“Se a vida lhe der limões, faça limonada!”), dizia o corajoso e risonho esquilo) e na terceira todo o elenco da Vila Sésamo: Garibaldi, Ênio, Beto, Oscar, Grover. Bonecos legais, magia legal. Ah, mas e o vento lá fora, gritando sobre o telhado e descendo pelas frestas negras! Ele não conseguiria mais dormir naquela noite.

No entanto, pouco a pouco o suor secou e a tremedeira passou. E os olhos começaram a ficar pesados...

E então um novo grito, dessa vez mais próximo que o vento noturno lá fora, acordou e deixou Tad de olhos vidrados.

As dobradiças da porta do closet.

Nhéeeeeee...

Era um som fino, tão agudo, que talvez só cães e menininhos acordados à noite conseguissem ouvir. A porta do closet começou a se mover devagar, uma boca morta começou a se abrir na escuridão, milímetro a milímetro, centímetro a centímetro.

O monstro estava naquela escuridão, agachado no mesmo lugar de antes. Sorria para ele, e os ombros enormes se erguiam sobre a cabeça caída para o lado e os olhos emitiam aquele brilho âmbar, vivos com uma esperteza estúpida. “Eu não falei que eles iriam embora, Tad?”, sussurrou. “Eles sempre vão embora, no fim das contas. E então eu posso voltar. Eu gosto de voltar. Gosto de você, Tad. Acho que vou voltar todas as noites a partir de agora e, a cada noite, vou chegar um pouquinho mais perto da sua cama... e um pouquinho mais perto... até que, qualquer noite dessas, antes que você consiga gritar, vai ouvir algo rosnando, e rosnando bem ao seu lado, Tad, e serei eu, e eu vou atacar e depois vou comer você, que vai parar dentro de mim.”

Tad ficou olhando para a criatura do closet com um misto de fascínio, torpor e horror. Tinha algo quase... quase familiar. Algo que ele quase conhecia, e esse quase era ainda pior. Porque...

“Porque eu sou maluco, Tad. Estou aqui. Estive aqui o tempo todo. Meu nome já foi Frank Dodd e eu matei e talvez também tenha devorado aquelas moças. Estive aqui o tempo todo. Eu fico por perto, com o ouvido colado no chão. Eu sou o monstro, o velho monstro, e não vai demorar até eu pegar você, Tad. Você pode me sentir mais perto... cada vez mais perto.”

Talvez a coisa no closet falasse com ele com a própria respiração silbilante, ou talvez fosse a voz do vento. De uma forma ou de outra, pouco importava: Tad ouviu as palavras, paralisado de medo, à beira de um desmaio (mas, ah, absolutamente alerta) e olhou para o rosto que rosnava nas sombras e que ele quase conhecia. Não dormiria mais aquela noite, talvez nunca mais conseguisse dormir.

Algum tempo depois, porém, algum tempo entre a badalada de meia-noite e meia e a de uma hora, talvez porque fosse pequeno, Tad voltou a dormir. O sono leve em que era perseguido por enormes criaturas peludas e de dentes brancos se tornou profundo e sem sonhos.

O vento travou longas conversas com as calhas. A casca branca da lua de outono se ergueu no céu. Em algum lugar bem distante, talvez um prado silencioso no meio da noite, talvez uma alameda de pinheiros na floresta, um cão latiu furiosamente e depois se calou.

No closet de Tad Trenton, algo de olhos âmbar estava à espreita.

— Você guardou os cobertores de novo? — perguntou Donna ao marido, na manhã seguinte. Ela estava ao fogão, fritando tiras de bacon. Tad assistia à programação infantil na sala ao lado, com uma colher e uma tigela de cereal Twinkles. A marca pertencia à empresa Sharp, e os Trenton tinham cereais Sharp à vontade e de graça.

— Ahn? — perguntou Vic, com a cara enfiada na seção de esportes do jornal. Natural de Nova York, ele tinha conseguido resistir até então à febre do Red Sox, mas acompanhava com um prazer masoquista mais um pífio início dos Mets na liga de beisebol.

— Os cobertores. Estavam outra vez no closet do Tad, assim como a cadeira. A porta também estava aberta de novo. — Ela trouxe o bacon à mesa, ainda no papel-toalha, ainda fumegando. — Foi você que colocou lá?

— Não — respondeu Vic, virando a página. — O cheiro de mofo é tão forte que parece que a convenção mundial das traças aconteceu lá.

— Estranho. Então ele mesmo deve ter colocado de volta.

Vic largou o jornal e olhou para a mulher.

— Do que você está falando, Donna?

— Lembra do pesadelo de ontem à noite?

— Impossível esquecer. Pensei que ele estava morrendo. Parecia uma convulsão ou algo do gênero.

Ela assentiu.

— Ele pensou que os cobertores eram... — Donna se deteve, sentindo um calafrio.

— O bicho-papão — brincou ele, sorrindo.

— Isso. E então você deu o ursinho de pelúcia para ele e colocou os cobertores no fundo do closet. Só que as cobertas tinham voltado para a frente quando subi para arrumar a cama — riu ela. — Olhei lá dentro e, por um segundo, pensei...

— Agora eu sei de onde ele tirou aquilo — interrompeu Vic, pegando o jornal. Olhou para a mulher, bem-humorado. — Três cachorros-quentes coisa nenhuma.

Mais tarde, quando Vic já tinha saído para o trabalho, Donna perguntou a Tad por que ele tinha colocado a cadeira com os cobertores de novo no closet, já que ficara tão assustado com aquilo durante a noite.

Tad olhou para ela, e o rostinho quase sempre animado e cheio de vida pareceu pálido e alerta — como se amadurecido antes da hora. O livro de colorir de Guerra nas Estrelas estava aberto diante dele, e Tad pintava um desenho da cantina interestelar e usava o giz de cera verde para pintar Greedo.

— Não fui eu — respondeu.

— Mas Tad, se não foi você, nem o papai, nem eu...

— Foi o monstro — disse Tad. — O monstro do meu closet.

Ele se voltou para o desenho de novo.

Donna ficou olhando para o filho, preocupada e um pouco assustada. Era um menino inteligente, que talvez fantasiasse demais. Isso não era bom. À noite, ela teria que ter uma conversa com Vic. E seria uma conversa longa.

— Tad, lembra o que o papai disse? — perguntou. — Monstros não existem.

— Não de dia, pelo menos — respondeu ele, sorrindo de maneira tão franca, tão bela, que ela se esqueceu das preocupações.

Donna acariciou os cabelos do filho, depois lhe deu um beijo no rosto.

Ela estava decidida a conversar com Vic, mas então Steve Kemp apareceu enquanto Tad estava na creche, e ela acabou esquecendo, e Tad gritou naquela noite também, dizendo que estava no closet, o monstro, o monstro!

A porta do closet estava entreaberta e os cobertores sobre a cadeira. Desta vez, Vic levou tudo ao sótão e enfiou no closet de lá.

— Tudo trancado, Tadder — disse Vic, beijando o filho. — Está tudo certo. Volte a dormir e tenha bons sonhos.

Só que Tad demorou muito a pegar no sono e, antes que conseguisse, a porta do closet se destrancou e se abriu com um leve rangido, uma boca morta aberta para a escuridão da morte — a escuridão da morte onde algo peludo aguardava, com dentes e garras afiados, algo que cheirava a sangue talhado e destino sombrio.

“Olá, Tad”, sussurrou aquela voz putrefata, e a lua ficou espiando pela janela de Tad como o olho branco e fendido de um morto.

No fim daquela primavera, a pessoa mais velha de Castle Rock era Evelyn Chalmers, conhecida como tia Evvie pelos moradores mais antigos da cidade e como “aquela velha cadela fofqueira” por George Meara, que tinha que entregar para ela a correspondência — basicamente catálogos e ofertas da *Reader’s Digest* e folhetos de oração da Cruzada do Cristo Eterno — e ouvir infundáveis solilóquios. “Aquela velha cadela fofqueira só presta para prever o tempo”, deixava escapar George quando enchia a cara com os camaradas no Tigre Meloso. Nome bem idiota para um bar, mas, como era o único de Castle Rock, não havia outra opção além de ir lá mesmo.

Em geral, todos concordavam com a opinião de George. Como a mais velha moradora de Castle Rock, tia Evvie mantinha a tradição e envergava a bengala do *Boston Post* de cidadã mais longeva da cidade havia dois anos, desde que Arnold Heebert, aos cento e um anos e tão senil que conversar com ele seria um desafio intelectual tão grande quanto trocar ideias com uma lata vazia de comida de gato, tropeçou no pátio interno do asilo de Castle Acres e quebrou o pescoço, exatamente vinte e cinco minutos depois de mijar nas calças pela última vez.

Tia Evvie estava longe de ser tão senil e tão velha quanto Heebert, mas, aos noventa e três, tinha uma idade bem avançada. No entanto, como gostava de se gabar para um George Meara resignado (e muitas vezes de ressaca) quando recebia a correspondência, não tinha sido burra a ponto de perder a casa, como o velho Arnie.

Além disso, era boa com a meteorologia. Na cidade, havia um consenso — entre os mais velhos, que se preocupavam com essas coisas — de que tia Evvie nunca se enganava em relação a três coisas: a semana do início do corte do feno no verão, a qualidade (ou não) da colheita do mirtilo e as condições climáticas.

Certo dia do começo de junho, ela foi arrastando os pés até a caixa de correio na entrada da garagem, apoiando todo o peso na bengala do *Boston Post* (que passaria para as mãos de Vin Marchant quando a velha cadela fofqueira batesse as botas, pensava George Meara — e já ia tarde, Evvie) e